

Sexualidade Juvenil, Direitos e Diversidade Sexual

Existe uma norma sexual observada pelos adolescentes a partir dos contextos sociais em que estão envolvidos. Portanto, uma norma que se mistura a questões de gênero, etnia etc. Qual seria o custo de questioná-la? E de segui-la? O que fazer a respeito? Leia o texto abaixo para se inteirar melhor dessas questões.

As experiências dos jovens relativas à sexualidade são modeladas em meio a vivências sociais comuns, como a influência das identidades juvenis difundidas nas sociedades modernas, e de outras que são específicas de determinado grupo de pertença. Estas últimas podem ou não estar baseadas em um grupo familiar (nuclear ou extenso), em uma aldeia ou bairro, em um coletivo político – ora nacional, ora étnico/racial, ora militante de variadas causas – ou, ainda, em uma comunidade religiosa. A partir dessas influências é que se desenvolve a carreira individual da pessoa, na busca do seu próprio lugar no mundo e junto às suas comunidades de pertença e escolha. Isto significa que as pessoas de uma mesma geração são afetadas por valores, fatos e situações que marcam uma determinada época,¹ mas também que os modos como esses valores, fatos e situações serão vividos podem ser radicalmente diferentes, dependendo dos condicionamentos, das oportunidades e dos desafios colocados a cada indivíduo, nem sempre amigáveis para todas e todos.

Existem oportunidades e desafios próprios de cada época. A descoberta da pílula anticoncepcional, por exemplo, provocou forte impacto na sociedade de então. Convidamos você a pensar quais as repercussões da epidemia de [HIV/Aids](#) e do surgimento de novas tecnologias reprodutivas (fertilização assistida, inseminação artificial etc.) para o comportamento afetivo-sexual das/dos jovens de hoje. Que desafios isto implica para elas e eles ao se defrontarem com questões como a iniciação sexual e amorosa? Serão eles os mesmos para as mulheres e para os homens? E quais estarão presentes ao se adotar ou ao se explorar uma orientação sexual diferente da heterossexual? Que barreiras enfrentarão jovens de agora cuja expressão de gênero não se adapta aos padrões hegemônicos?

As visões e as ações dos jovens referentes à sexualidade respondem a uma série de condicionamentos, como a inserção social e familiar, a orientação sexual, o fato de ser homem ou mulher, as crenças e as práticas religiosas, a cor/raça e a pertença étnica, entre outros. Isto significa dizer que as práticas e as visões de mundo relativas à sexualidade adquirem sentido no contexto de construções sociais que são variadas, nem sempre coerentes entre si, e não decorrentes do predomínio de fatores inatos ao indivíduo ou de

¹ Novaes, Regina; Mafra, Clara. Juventude conflito social e solidariedade. In: Comunicações do ISER, Rio de Janeiro, v.50, n.17, 1998

As visões e as ações dos jovens referentes à sexualidade respondem a uma série de condicionamentos, como a inserção social e familiar, a orientação sexual, o fato de ser homem ou mulher, as crenças e as práticas religiosas, a cor/raça e a pertença étnica, entre outros.

ocidentais a respeito dos não-brancos, o padrão heterossexista opera colocando as mulheres "no seu lugar" de submissão e "corrigindo" aqueles que são rotulados de veado, bicha, efeminado, machona, traveca etc. Esses princípios e processos de segregação servem para demarcar as fronteiras entre aqueles que são admitidos dentro da norma e aqueles que ficam à margem, pois fogem dela.

Os direitos das pessoas consideradas diferentes são violados porque, para alguns, elas representam uma ameaça a determinados privilégios. Mas, para muitas e muitos outros/as, isto acontece porque atuamos de acordo com noções herdadas, sem pararmos para refletir a respeito do porquê das nossas atitudes.

um padrão universal. Os estudos das ciências sociais têm contribuído para esta compreensão ao revelar a pluralidade de expressões sexuais entre gerações e em diferentes sociedades ao longo da existência da humanidade.

Na unidade 1 deste módulo, foi destacado que nas manifestações da diversidade sexual há padrões percebidos como "normais" e naturais, estando estes associados às relações heterossexuais entre homens e mulheres, cujas identidades de gênero e orientação sexual supostamente emanariam dos seus atributos biológicos. Estes padrões servem à produção de uma hierarquia que desqualifica as mulheres e desaprova toda forma de expressão ou desejo sexual considerada "desviante", como as relações homo e bissexuais e a "inversão" dos papéis de gênero. De modo análogo ao das ideologias racistas

Nas últimas décadas tem havido revisões importantes de concepções obsoletas, expressas por mudanças no campo biomédico e jurídico, político e social, no sentido de afirmar que a homo e a bissexualidade são expressões legítimas da vivência da sexualidade. No entanto, ainda existem freqüentes manifestações de violência, preconceito e discriminação contra quem manifesta uma identidade ou uma forma de desejo divergente daquela considerada "normal". Os direitos das pessoas consideradas diferentes são violados porque, para alguns, elas representam uma ameaça a determinados privilégios. Mas, para muitas e muitos outros/as, isto acontece porque atuamos de acordo com noções

Segundo Guacira Lopes Louro :

*Em nossa sociedade, a norma que se estabelece, historicamente, remete ao homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão, e esta passa a ser a referência que não precisa mais ser nomeada. Serão os "outros" sujeitos sociais que se tornarão "marcados", que se definirão e serão denominados a partir desta referência. Desta forma, a mulher é representada como "o segundo sexo" e gays e lésbicas são descritos como desviantes da norma heterossexual. Louro, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes, org. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, p. 7-34. 1999, p.15-16*

herdadas, sem pararmos para refletir a respeito do porquê das nossas atitudes.

A desvalorização da diversidade sexual ganha dimensões e formatos variados quando ela é atravessada por outras formas de discriminação relativas à classe, cor/raça, etnia e ao gênero. Pense, por exemplo, como o acesso a bens materiais e à educação incide nas alternativas que são abertas para jovens gays e lésbicas brancas de classe média, e o que significa ser travesti, negra e pobre, por exemplo, em termos de acesso à educação. Pense também no aprendizado afetivo-sexual de mulheres jovens brancas, indígenas, negras, pretas e pardas de diversas regiões do Brasil. As manifestações de preconceito e discriminação causam sofrimento e provocam situações de exclusão social, dentro e fora do ambiente escolar.

Refleta sobre como o aprendizado da norma sexual contribui para a manutenção de uma determinada ordem social, e qual o custo dessa adequação não só para quem fica “fora da ordem”, mas também para quem se adapta à norma.

A abordagem da diversidade das orientações sexuais pode ser feita a partir de um diálogo com os/as estudantes sobre como internalizamos e reproduzimos, ao longo da vida, variados padrões de comportamento e estilos de vida associados à sexualidade e a outros aspectos da vida, como alimentação, estética, vestuário e a maneira como nos relacionamos com nosso corpo, entre outros. São clássicos na sociologia e na antropologia os estudos, como o do francês Pierre Bourdieu (1983),² acerca da produção da distinção social. Os padrões sociais que reproduzirmos estarão destinados a perpetuar o controle das classes dominantes sobre o resto da sociedade. Reflita sobre como o aprendizado da norma sexual contribui para a manutenção de uma determinada ordem social, e qual o custo dessa adequação não só para quem fica “fora da ordem”, mas também para quem se adapta à norma.

A análise dos padrões sociais que participam da definição de nossas motivações e formas de agir no mundo tem por objetivo estimular uma reflexão a respeito de como estes operam incentivando o apego a normas e a convenções que são de algum modo arbitrárias. O preconceito gera e reproduz a desigualdade, produzindo situações de discriminação e violência que são experimentadas de diferentes maneiras tanto por aqueles/as que se distanciam dos padrões esperados em termos de orientação sexual, identidade de gênero, cor/raça e condição socioeconômica, como por aqueles/as igualmente preocupados em serem aceitas/os como “normais”.

Tal perspectiva também permite pensar nos processos de mudança ao longo da história. Muitas vezes perdemos de vista como situações hoje consideradas naturais no cotidiano das grandes cidades já foram condenadas pela sociedade, enfrentando ainda agora

² (Bourdieu, Pierre. Gostos de Classes e estilos de vida. In Ortiz, Renato (Org.). Pierre Bourdieu São Paulo: Ática, 1983. p.82-121. Coleção Grandes Cientistas Sociais, vol.39)

resistências. Tente imaginar qual seria a opinião de avós, amigas, amigos e estudantes sobre as jovens manterem relações sexuais com seus namorados; os homens realizarem tarefas domésticas; as pessoas se assumirem publicamente como homo ou bissexuais, gays, lésbicas, transexuais e transgêneros e lutarem pelo direito de casar e adotar crianças.

GLOSSÁRIO

Aids: Sigla para a expressão em inglês Acquired Immune Deficiency Syndrome, que significa síndrome da imunodeficiência adquirida (ou Sida, na sigla em português).

HIV: Sigla para a expressão em inglês Human Immunodeficiency Virus, que significa vírus da imunodeficiência humana.

O relato seguinte chama a atenção para como as restrições relativas ao par gênero- orientação sexual estimulam uma vigilância constante das práticas corporais.³

“Ao final de uma aula de educação física, depois de terem feito exercícios em que precisavam flexionar o tronco e, como efeito disso, deixar as nádegas à mostra para o rosto dos que estavam atrás, a professora colocou uma música para relaxamento e pediu que um colega fizesse massagem no outro. Um dos meninos diz que é bravo fazer massagem em homem” [Louro, 2000. "Corpo, escola e identidade". Revista Educação & Realidade, v. 25(2): 69]. Por que, para esses meninos, “é bravo” fazer massagem em homem? O que está sendo ameaçado? Qual o “perigo”? Dica: a masculinidade se constrói tanto por oposição ao feminino, como por diferenciação a respeito de formas “desviantes” de masculinidade. A partir disso, que atitudes precisam ser evitadas? Como você responderia, como educadora ou educador, a este comentário?

³ Citado por Luís Henrique Sacchi dos Santos, no documento *Heteronormatividade & Educação* (em formato Power Point), apresentado no Seminário Gênero e Sexualidades na Escola. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (SPM) / Ministério da Educação (MEC) / British Council. Brasília, 12 de novembro de 2007. Disponível em: <http://www.britishcouncil.org.br/download/LuisHenrique.pdf>